

# AÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU HISTÓRICO DO INSTITUTO BUTANTAN: REFLEXÕES SOBRE OS ÚLTIMOS TRÊS ANOS

149

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Adriana Mortara Almeida \***

**Museu Histórico do Instituto Butantan**

**Larissa Foronda \*\***

**Museu Histórico do Instituto Butantan**

## **RESUMO:**

Este artigo visa contribuir na ampliação e aprofundamento de análises realizadas sobre o Museu Histórico do Instituto Butantan, especificamente no que concerne à ação educativa. A partir de descrição e análise de ações e estratégias adotadas ao longo dos três últimos anos pretendemos partilhar as experiências vivenciadas indicando os pontos positivos, os desafios e os problemas ainda a serem enfrentados.

## **PALAVRAS-CHAVES:**

Educação em museus, formação de educadores, museu histórico, mediação, Instituto Butantan

## **ABSTRACT:**

This article aims to contribute to the expansion and deepening of analyzes performed on the Historical Museum of the Butantan Institute, specifically with regard to the educational process. From the description and analysis of actions and strategies adopted over the last three years we aim to share experiences indicating the strengths, challenges and problems still to be faced.

## **KEY-WORDS:**

Museum education, training of educators, history museum, mediation, Instituto Butantan

---

\* Diretora do Museu Histórico do Instituto Butantan. E-mail: [adriana.almeida@butantan.gov.br](mailto:adriana.almeida@butantan.gov.br)

\*\* Coordenadora do Museu Histórico do Instituto Butantan. E-mail: [larissa.foronda@butantan.gov.br](mailto:larissa.foronda@butantan.gov.br)

## Introdução

O Instituto Butantan foi criado com objetivo de produzir soro e vacina contra peste bubônica, uma vez que casos da doença foram identificados na região de Santos (SP), no final do século XIX<sup>1</sup>. Seu primeiro diretor, o médico Vital Brazil Mineiro da Campanha, aproveitou a estrutura criada para a produção de soro antipestoso para desenvolver pesquisa e produção de soros contra acidentes com serpentes.

Desde 1896, Vital Brazil reunia serpentes conservadas em álcool que seriam o núcleo da Coleção Zoológica do Instituto Butantan (Calleffo e Barbarini, 2008:88). Ele também colecionava, para suas pesquisas, serpentes brasileiras e estrangeiras, peças anatômicas, animais taxidermizados, modelos em cera, desenhos, que, em parte, viriam a ser o acervo inicial do museu do Instituto Butantan. (Almeida, 1995). Durante décadas o Instituto contou apenas com um museu – o Museu Biológico. Em 1981, foi criado o Museu Histórico e, em 2002, o Museu de Microbiologia. No ano de 2010, o Museu de Saúde Pública Emílio Ribas (criado em 1979) foi incorporado ao Centro de Desenvolvimento Cultural (área cultural) do Instituto Butantan por meio do Decreto nº 55.315, de 05 de janeiro de 2010.

Este artigo visa contribuir na ampliação e aprofundamento de análises realizadas sobre o Museu Histórico, uma vez que várias pesquisas que resultaram em dissertações e teses e artigos foram elaborados sobre o Museu Biológico e sobre o Museu de Microbiologia<sup>2</sup>, enquanto o Museu Histórico foi tratado apenas em dois artigos publicados pelos Cadernos de História da Ciência do Instituto Butantan (Canter, 2005 e Fernandes, 2007).<sup>3</sup> Nosso principal foco é a ação educativa implementada no museu.

## Museu Histórico do Instituto Butantan

O Museu Histórico do Instituto Butantan foi inaugurado em 1981 com objetivo de preservar e divulgar a história da Instituição. Para isso, um espaço anteriormente utilizado como laboratório e cocheira para fabricação do soro contra peste bubônica foi reconstruído e instrumentos científicos, mobiliário e outros objetos são ali expostos com intenção de reproduzir o ambiente original.

Ao longo do tempo, outros instrumentos e objetos foram sendo agregados à exposição, complementada com painéis explicativos sobre a história do Instituto Butantan.

Até 2005, a visita ao Museu Histórico era livre e não havia um serviço educativo estruturado. Com o início da cobrança de ingresso, o fluxo passou a ser controlado e associado à visita aos Museu Biológico e Museu de Microbiologia. A partir daí o número de funcionários do Museu Histórico aumentou possibilitando a presença de educadores encarregados de atender aos grupos agendados.

1 Inicialmente foi criado um laboratório como seção do Instituto Bacteriológico, sediado na Fazenda Butantan, adquirida pelo governo do estado de São Paulo para este fim. Em 1901 foi dada autonomia por meio da criação oficial do Instituto Serumtherapico. (Benchimol e Teixeira, 1993).

2 Por exemplo, ALMEIDA, 1995; BIZERRA et al., 2007; BIZERRA, 2009; SAPIRAS, 2007 sobre o Museu Biológico e BIZERRA et al. 2009; 2012 e 2013; GRUZMAN, 2012 sobre o Museu de Microbiologia.

3 Apresentações de pôsteres nas Reuniões Científicas do Instituto Butantan e de comunicações orais em outros eventos, com publicação de resumos em Anais, também discutiram questões do Museu Histórico, entretanto sem possibilidade de tratar com maior profundidade os temas, devido ao formato limitado das apresentações.

De acordo com Suzana Fernandes (2007), diretora do Museu Histórico entre 2005 e 2010, desde 2004 foi desenhado um plano para que os servidores do Museu Histórico desenvolvessem pesquisas e, para isso, foi dada ênfase na organização e preservação dos acervos documentais e museológicos. Os educadores eram estimulados a pesquisar o acervo do Museu Histórico para aperfeiçoar sua ação educativa. As pesquisas e a organização se deram principalmente em relação aos acervos documentais. A reestruturação da exposição começou a ser pensada na época da publicação do artigo (Fernandes, 2007).

Por meio do Decreto 55.315, de 05 de janeiro de 2010<sup>4</sup>, foram criados na estrutura do Centro de Desenvolvimento Cultural, os núcleos de documentação (NDOC), de produções técnicas (NPT) e de difusão do conhecimento (NDC). O Núcleo de Documentação, coordenado por Suzana Fernandes, passou a ser responsável por todo acervo histórico do Instituto Butantan e se dedicou, principalmente, ao acervo documental e iconográfico da instituição.

Ao assumir a direção do Museu Histórico, a gestão assumiu como foco inicial de atuação a organização da ação educativa, até então realizada por quatro educadores contratados<sup>5</sup>. Posteriormente foi feito também o mapeamento, inventário e documentação do acervo museológico exposto no Museu Histórico e guardado em reserva técnica.

Em 2011, iniciou-se um trabalho de formação dos educadores visando o aperfeiçoamento da ação educativa do Museu Histórico. Era clara a percepção de que a visita ocorria em forma de conferência / palestra e que os diálogos provocados pouco contribuíam para a experiência pedagógica<sup>6</sup>. A visita educativa parecia uma aula na qual os “alunos” pouco participavam. Perguntas eram feitas pelos educadores para que participassem, mas serviam mais como uma confirmação do discurso proposto e não um espaço para os interesses e curiosidades do público. O engajamento e participação do educando é fundamental para que a aprendizagem possa ocorrer, evitando o que Paulo Freire denominava como prática “bancária”:

Enquanto na prática “bancária” da educação, antidialógica por essência, por isso não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores (Freire, 1987, p.118-119).

O trabalho de formação foi reforçado pela atuação de Luciana Conrado Martins como coordenadora do Núcleo de Difusão do Conhecimento. Desde o início de 2011, Luciana Martins coordenou a formação continuada de todos os educadores do Instituto Butantan, em encontros semanais, visando o aperfeiçoamento e a integração das equipes e de suas ações.

4 Em outubro de 2010, outro Decreto (56.270) inseriu o desenvolvimento de pesquisas nas atribuições do Centro de Desenvolvimento Cultural e mudou as atribuições do Núcleo de Produções Técnicas.

5 Adriana Mortara Almeida assumiu a direção do Museu Histórico em outubro de 2010. Larissa Foronda assumiu a supervisão educativa do MH em julho de 2011. Em 2010, uma das educadoras do Museu Histórico (Flávia Andrea Machado Urzua) passou a trabalhar no NDOC e outra no NDC (Amanda Freitas). Outros educadores passaram de um contrato de 20 horas semanais para 40 horas (Carolina Santucci Fernandes, Camilla Carvalho, Diego Elias dos Santos e Douglas Cristiano da Silva).

6 No primeiro semestre de 2011, Carlos Eduardo Borges atuou como supervisor de educação do Museu Histórico, sendo substituído por Larissa Foronda a partir de 01 de julho de 2011.

A seguir serão descritos os principais desafios existentes para o aperfeiçoamento da ação educativa do Museu Histórico e os caminhos tomados para enfrentá-los.

### Desafios para a ação educativa do Museu Histórico

Partindo do princípio de que a ação educativa do Museu Histórico deve estar baseada em suas exposições “que, museograficamente, traduzam *temas/conceitos/ideias* bem definidos” (Bruno e Mello Vasconcellos, 1989:185) surge o primeiro desafio: a exposição.

A edificação, construída em 1981 para abrigar o museu, é constituída por duas salas: uma sala reproduz o local onde os cavalos eram mantidos e a outra, o laboratório onde os trabalhos de pesquisa e produção de soros contra peste bubônica e antiofídicos eram realizados.

Constituída inicialmente para ser um cenário, a exposição do Museu Histórico nunca cumpriu completamente esta função. Há apenas uma fotografia identificada como sendo da área interna desse laboratório (figura 1) e a exposição nunca o reproduziu com fidedignidade.



Figura 1: “Laboratório provisório” do Instituto (Acervo do Instituto Butantan)

Ao longo dos anos, mais objetos, de diferentes épocas e variadas funções, foram transferidos para o museu: material proveniente de laboratórios de pesquisas, da produção de soros e vacinas e de escritórios do Instituto Butantan. Em alguns casos, instrumentos científicos incompletos, com peças faltantes.

Também foram incorporados à exposição do Museu Histórico, objetos de antigas exposições do Museu Biológico do Instituto Butantan.

Em 2011, 30 anos depois da inauguração, a exposição do Museu Histórico constituía-se como um conjunto de instrumentos científicos e objetos que tinham em comum o fato de terem sido utilizados em alguma unidade do Insti-

tuto. Para além dos objetos expostos, o próprio edifício é parte constituinte da exposição: sua estrutura arquitetônica, piso e parede em tijolos, esta última destacada por uma janela didática, constituem evidências que, uma vez exploradas, permitem trabalhar os usos e funções anteriormente despenhados pelo local. A exposição tem ainda 13 painéis com textos sobre o histórico do Museu e do Instituto, acompanhados por fotografias e outras ilustrações.

No desenvolvimento dos trabalhos educativos, foram detectadas algumas barreiras que dificultam a construção de uma narrativa da exposição pela ação educativa. Uma delas é a sua estrutura: a entrada, que originalmente seria pela sala que representa o laboratório<sup>7</sup>, há mais de cinco anos é feita pela sala onde seria a cocheira, que é voltada para a rua, onde pessoas e carros circulam. Nesta que hoje é a 'primeira sala', objetos ocupam os espaços que seriam dos cavalos nas baias: uma prensa, dois quimógrafos, destilador, entre outros. Na parte mais ampla da sala, onde as divisórias das baias foram retiradas, outros instrumentos científicos estão dispostos sobre o piso (centrífugas, microscópio eletrônico, geladeira) e em armários (microscópios óticos, micrótomo, ovoscópio, ampolas de soros, embalagens de soros e vacinas), além de artefatos que faziam parte da exposição do Museu Biológico, como um quadro com representação de diferentes gêneros e espécies de serpentes e um modelo em cera de crânio ampliado de serpente, restaurado para voltar a ser exposto. Construído com tijolos, o piso mantém o formato original de uma cocheira de cavalos, com duas valas no centro por onde líquidos e dejetos escorriam para fora do ambiente. Atrativo para os olhos, esse piso irregular dificulta a locomoção e acomodação de visitantes e grupos no ambiente, além de limitar as possibilidades de exposição dos objetos e móveis que compõem a sala.



Figura 2: Primeira sala de exposição, onde seria a cocheira, julho de 2011 (Foto: Acervo Instituto Butantan/ Camilla Carvalho)

7 A antiga entrada, que era pela parte do laboratório, está voltada para os muros do Biotério Central do Instituto Butantan e não é visível para a maior parte do público que circula pelo Instituto.

Na ‘segunda sala’, onde era o laboratório, mesas e equipamentos de laboratórios (balanças, vidrarias, peagômetros, estufas, entre outros) são apresentados ao lado de mobiliário e materiais de escritório (calculadora, máquinas de escrever, telefone, entre outros). Detalhes arquitetônicos diferenciam este ambiente da primeira sala (cocheira) como o piso que é plano e de cimento queimado<sup>8</sup>. Nesta sala a distribuição dos objetos foi readequada com o objetivo de estabelecer uma pequena diferenciação entre os ambientes laboratoriais e de escritório usados pelo cientista/pesquisador, facilitando o trabalho dos educadores que, durante as visitas, procuram explorar essas diferenças.

As janelas, na face posterior do prédio, são feitas de madeira sem vidraria que proteja o ambiente e o acervo do vento e dos raios solares. Em uma das laterais da sala, janelas de madeira basculantes estão posicionadas rente ao telhado. Reconstruído sem forro, o telhado permite que os móveis e objetos fiquem expostos à poeira e às variações de temperatura. Uma vez que esse ambiente não possuía iluminação adequada, foi necessária a instalação de luminárias que se diferenciam dos outros elementos “de época”.

A disposição dos móveis era um problema na segunda sala, por abrigar um elevado número de peças, que por muitas vezes, se tornaram um desafio para a mediação e deslocamento de grupos. Um novo planejamento, dentro do que já havia sido feito em subdividir os ambientes entre laboratório e escritório, foi implementado de modo a abrir uma área de respiro dentro da própria sala para acolhimento de grupos de diversos tamanhos, e posteriores deslocamentos ao longo da sala, sem comprometer nem colocar em risco o acervo, com o intuito de valorizá-lo ainda mais.



Figura 3: Segunda sala, local onde era o primeiro laboratório do Instituto Butantan, novembro de 2012 (Foto:Acervo Instituto Butantan/Camilla Carvalho)

<sup>8</sup> O piso de cimento queimado se distingue do chão que constatamos, através de fotografia da época de Vital Brazil (figura 1), originalmente revestido de ladrilho hidráulico.

O segundo desafio foram os conteúdos e temas a serem tratados. Com o objetivo de facilitar o diálogo com os visitantes, foram identificados temas que lhes fossem mais familiares para, a partir deles, explorar os conteúdos trabalhados pela ação educativa a partir da exposição do Museu Histórico. Seria possível citar como exemplo, o estabelecimento de relações entre a criação do IBu e a intensificação da imigração para o Brasil, especialmente com a vinda de europeus para trabalhar nas lavouras de café. Foi por meio dos navios que chegavam ao Porto de Santos que a peste bubônica entrou no Brasil, no final do século XIX.

Este tema passou a ser mais explorado nas visitas e, para enriquecer sua abordagem, foram feitas pranchas com fotos históricas, algumas delas cedidas pelo Arquivo do Estado de São Paulo. Foram confeccionadas outras pranchas com outras fotos históricas da região do Butantã e imagens referentes à produção de soros.

As discussões com os educadores<sup>9</sup> e leituras de textos sobre educação patrimonial contribuíram para uma maior valorização do acervo em exposição: os objetos e instrumentos científicos passaram a ser mais explorados no diálogo com o público. Partimos da ideia de educação patrimonial<sup>10</sup> como é colocada por Evelina Grunberg :

Podemos defini-la [Educação Patrimonial] como o ensino centrado nos bens culturais, como a metodologia que toma estes bens como ponto de partida para desenvolver a tarefa pedagógica; que considera os bens culturais como fonte primária de ensino. Sendo assim e dentro da definição anterior os bens culturais funcionam como um recurso que pode se transformar num instrumento no processo de ensino. (Grunberg, 2000:5-6)

Entende-se que a educação patrimonial pode ser uma estratégia adequada à exploração do Museu Histórico. Por meio da observação e análise de objetos do acervo, os visitantes podem desenvolver relações e dar sentido à exposição criando uma narrativa histórica no campo da ciência e da saúde. Atividades lúdicas foram desenvolvidas pela equipe de educadores, de modo que o público se envolvesse e criasse um olhar diferenciado para este acervo, tornando-o mais acessível tanto para o público infantil, como para o público adulto.

Objetos que exercem maior poder de atração sobre o público<sup>11</sup>, são observados e descritos de acordo com suas características físicas e suas funções. Por exemplo, a máquina de escrever e o telefone são explorados, para além de outros possíveis usos, enquanto ferramentas para que os pesquisadores possam registrar e comunicar suas investigações. Ações semelhantes são realizadas por meio da observação, descrição e discussão da balança de precisão e da calculadora que estão em exposição.

O terceiro desafio é o perfil e tamanho da equipe para atuar na ação educativa do Museu Histórico. A partir de 2011, a escolha de uma equipe para atuar

9 Entre 2010 e 2014, a equipe de educadores mudou várias vezes, tanto em número de pessoas como em profissionais. Atualmente é composta por quatro educadores graduados contratados (40 horas) e oito estagiários de graduação (30 horas).

10 Ver também Horta et al. (1999).

11 Em 2013 foi realizada pesquisa de observação de percurso dos visitantes no Museu Histórico. Entre os objetos que exerciam maior atração dos visitantes estavam, por exemplo, a caixa e laço de Lutz, as bolsas de sangue e os tubos de sangria, entre outros. (Almeida, 2014 e Souza, 2013).

na ação educativa privilegiou o recrutamento de educadores de diversas áreas das humanidades e, posteriormente, das biológicas, enriquecendo o repertório dentro da equipe além de possibilitar outros olhares para a mediação e a concepção e tratamento de novos roteiros para a ação educativa do museu.

Nesses dois primeiros anos, a formação de uma equipe para ação educativa foi dificultada pela rotatividade de profissionais decorrente da baixa remuneração e da incompatibilidade entre os educadores e a funções e exigências que deles eram esperadas<sup>12</sup>.

Desde o início de 2013 há duas categorias dentro da equipe de educadores do Museu Histórico: os “estagiários de graduação” e os “educadores contratados” pela Fundação (regime CLT), já graduados.

Esta é uma equipe multidisciplinar composta por alunos de graduação e profissionais graduados de diversas áreas (história, geografia, pedagogia, biologia) que se complementam. Essas diferenças de formação e de trajetória profissional são muito benéficas, enriquecendo a discussão de temas que são debatidos sob os mais diversos ângulos.

A formação dessa equipe é norteada pela busca do embasamento teórico aliada à prática em mediação. O período de formação de cada novo membro da equipe dura, em média, quatro semanas que são dedicadas à leitura de textos, discussões, visitas aos museus, observação das visitas guiadas, elaboração de visita mediada, apropriação do conteúdo do Museu Histórico e aplicação da visita planejada.

A primeira parte da formação se dá com a leitura dos textos que procuram familiarizar os educadores com tópicos diretamente ligados às preocupações do museu e temas “transversais”: história do Instituto Butantan, educação patrimonial, museus de ciência, educação não formal, história das ciências e da saúde, produção de soros e vacinas.

A segunda parte da formação assume um caráter mais prático: o educador trava contato com os outros museus do Instituto, observa a ação de outros educadores, compõe sua própria visita e a aplica, num primeiro momento, para a própria equipe. Antes de atender um grupo sozinho, o educador realiza “visitas conjugadas”, nas quais a responsabilidade pelo atendimento dos grupos é dividida com um colega. Depois deste momento, o educador passa a realizar “visitas partilhadas”: grupos de 30 a 40 visitantes são divididos em dois conjuntos que, ocupando cada um deles uma das salas do museu, ficam sob a responsabilidade de um dos educadores.

Todo este processo de formação varia de acordo com o perfil dos educadores. No processo de seleção valorizam-se os candidatos que possuam alguma experiência de mediação, bem como o conhecimento de línguas estrangeiras, uma vez que o IBu recebe um grande número de visitantes estrangeiros e parte da literatura da área não foi traduzida.

Também em função da heterogeneidade da equipe de educadores, considera-se fundamental a ação de um supervisor que se encarregue, durante o período da formação, de estabelecer uma continuidade e um diálogo entre os profissionais atuantes (educadores em regime de CLT) e em formação (estagiários de graduação).

A rotatividade dos educadores no MH foi grande, dificultando o estabelecimento de uma continuidade em seu processo de formação. Essa rotatividade

<sup>12</sup> Esse ainda é um problema que ocorre, porém em menor frequência.



torna imprescindível o registro, através de relatórios e fotografias, das atividades realizadas para que sua memória não se perca. A permanência dos mesmos profissionais por alguns anos garantiria a continuidade e a possibilidade de que a equipe possa acumular experiência e compor o histórico do núcleo educativo do museu.

### **Formação continuada de educadores**

Como já citado anteriormente, a partir de 2011, passou a ser realizada formação continuada dos educadores dos três museus<sup>13</sup> do Instituto Butantan. Às segundas-feiras de tarde, quando os museus ficam fechados ao público para limpeza e manutenção, a formação é desenvolvida por meio da leitura de textos, aulas expositivas, discussões e trabalhos em grupos que possibilitem a aprendizagem de novos saberes e a construção de novas práticas.

O Núcleo de Difusão do Conhecimento começou então, a reunir os educadores dos três museus em encontros semanais fixos com o objetivo de criar um espaço de diálogo entre os educadores. Por meio da promoção de reflexões sobre a prática educativa, educação em museus, pretendia-se aprimorar o entendimento daqueles que lidavam com o público dentro dos museus.

A história dos museus, sua definição, funções; a história da educação em museus; métodos e práticas da educação em museus; teorias da educação foram alguns dos temas tratados nessas palestras, leituras e discussões.

Cabe destacar que, inicialmente, alguns educadores manifestaram certa resistência em relação aos conteúdos e desafios trazidos por textos e discussões que os instigavam a rever suas práticas. As dificuldades de leitura e compreensão de textos “estranhos” às áreas de formação dos educadores foram superadas através do rico diálogo estabelecido entre esses profissionais de diversas especialidades. Para os gestores esse espaço de trocas e aprendizagem também foi bastante enriquecedor, ampliando o conhecimento sobre as equipes de educadores do Instituto Butantan.

O encontro semanal também facilitou o desenvolvimento de ações educativas conjuntas, “atividades integradas”, envolvendo as equipes dos diferentes museus do IBu.

### **Atividades integradas**

As atividades dos serviços educativos dos museus do Instituto Butantan eram, dadas as especificidades de cada uma das unidades, caracterizadas por sua compartimentalização e isolamento. Esta realidade começou a mudar a partir do momento em que as equipes dos diversos museus empenharam-se no desenvolvimento de ações integradas em parceria com o Núcleo de Difusão do Conhecimento: área criada com o objetivo de atuar e se articular de maneira transversal dentro da Área Cultural do Instituto Butantan.

Um primeiro ensaio dessa ação coletiva foram as atividades desenvolvidas, em maio de 2011, na 9ª Semana Nacional de Museus organizada sob o tema “Museu e Memória”, para a qual foi proposta a captação de depoimentos. Educadores dos três museus e do NDC participaram do planejamento, organização, montagem e coleta de depoimentos de funcionários e visitantes do Instituto,

13 O Museu de Saúde Pública Emílio Ribas não contava com educadores em seu quadro porque estava fechado para visitas regulares.

que relataram suas experiências e fatos marcantes vivenciados na instituição. Em três dias de atividades (18 a 20 de maio), mais de 70 funcionários falaram sobre sua trajetória profissional, suas amizades e suas pesquisas, ilustrando esses relatos com fotografias de seu ambiente de trabalho, festas e eventos registrados em sua vivência no Butantan (figura 4). No final de semana (21 e 22 de maio), 59 visitantes foram entrevistados: se alguns visitavam o Butantan pela primeira vez, outros traziam lembranças de inúmeras visitas ao Instituto: primeiramente como crianças, depois como adultos e, finalmente, com a companhia de filhos e/ou netos. O trabalho foi muito gratificante para todos os envolvidos e evidenciou a importância da participação das diferentes equipes para seu sucesso.



Figura 4: Tenda para gravação dos depoimentos de funcionários decorada com fotografias do acervo institucional e dos funcionários do Instituto Butantan, maio de 2011 (Foto:Acervo Instituto Butantan/Antonio C. Costa)

A necessidade de organização de uma atividade para um evento externo (Novos Talentos, integrante do Projeto organizado pela Faculdade de Física da USP) levou os museus do IBu a se unirem na criação do que seria a primeira atividade integrada dos educativos da Instituição. A partir daí, foram elaboradas outras atividades conjuntas, fazendo crescer a demanda por educadores que pudessem desenvolvê-las. É possível citar como exemplo a programação de férias que exige uma interação entre os profissionais dos diversos museus do IBu.<sup>14</sup>

Desde julho de 2011 tem sido realizada a 'semana de férias' na qual diversas atividades são oferecidas aos visitantes do Instituto. O planejamento dessas atividades foi construído pelos educadores de forma integrada e seu desenvolvimento, em vários casos, também é feito pela maioria, de maneira integrada.

Para a equipe do Museu Histórico, que participa ativamente de todo esse processo, as atividades da semana de férias permitiram a experimentação de novas estratégias e de novos materiais que, em alguns casos, são incorporados direta ou indiretamente às visitas educativas cotidianas. Uma das estratégias adotadas foi a inserção de personagens na visita educativa para alunos de Funda-

14 Uma semana de atividades realizadas durante as férias escolares de janeiro e julho.

mental I à semelhança do que havia sido desenvolvido na contação de histórias da semana de férias. Materiais, como um jogo de memória, também realizado originalmente para as atividades das férias, vêm sendo utilizados nas visitas educativas ou atividades para público espontâneo aos finais de semana.

### **Roteiros de visitas educativas**

A partir da percepção de todos os participantes da formação continuada de que o aperfeiçoamento das visitas oferecidas pelos três museus exigia o alongamento de sua duração (30 minutos para cada unidade), foi proposto aos educadores que criassem roteiros de visitas mais longas. Com orientação da coordenadora do NDC e dos gestores dos museus, os educadores dos museus construíram roteiros de visitas estendidas que foram discutidos durante a formação continuada e testados em 2012.

Os educadores do Museu Histórico construíram roteiro direcionado aos estudantes do Ensino Fundamental II. Intitulado “De fazenda à Instituto: a saúde pública na virada do século XIX para o XX”, esse roteiro entrelaça a criação do Instituto à urbanização da cidade de São Paulo e à pesquisa e produção de soros representadas pelos objetos em exposição. Reproduções fotográficas ampliadas foram confeccionadas para auxiliar no desenvolvimento da visita, preenchendo algumas lacunas da exposição.

É fundamental a pesquisa histórica dos assuntos tratados, para que nas mediações as crendices, mitos e lendas possam ser discutidos de forma crítica. Do mesmo modo, também é indispensável o estudo e experimentação de estratégias de abordagem que se adequem às diversas faixas etárias do nosso público: tarefa que exige uma especial atenção aos conteúdos curriculares e aos saberes trazidos pelos visitantes. Por meio do conhecimento do público é possível estabelecer um diálogo no qual a aprendizagem é mais rica, para educadores e educandos.

A necessidade de adequação da exposição aos diversos públicos determinou também a criação, entre o final de 2013 e o primeiro semestre de 2014, de roteiros específicos para estudantes de Ensino Médio, Fundamental I e II. A elaboração desses roteiros exigiu pesquisa do currículo escolar, identificação de interesses e dificuldades dos visitantes, pesquisa histórica, seleção de temas e estratégias adequadas, elaboração de materiais de apoio, discussões entre toda a equipe do Museu Histórico, testes com diferentes grupos até a consolidação de cada um deles. Como já citado, o registro e descrição desses roteiros é fundamental para a memória da ação educativa e para a continuidade da mesma.

Frequentemente é notado que a equipe é insuficiente para atender a demanda gerada por rotinas que exigem a atenção dos educadores que têm desdobrar-se no acompanhamento dos visitantes, nos estudos preparatórios, no planejamento logístico das atividades desenvolvidas ou em vias de se desenvolver. A rotatividade da equipe prejudica o desenvolvimento desse trabalho, pois aquele educador que fazia parte do grupo já não pode dar continuidade às suas ideias pertinentes a um determinado roteiro.

Cabe destacar que ainda não se conseguiu definir o tamanho ideal da equipe: equação que, dados os diferentes regimes de contratação (educadores contratados em regime de CLT e estagiários de graduação) é de difícil resolução. Considera-se que, além de um número adequado de educadores para o atendimento ao público, é preciso ter uma carreira que estimule seu aprimoramento e crie uma perspectiva de futuro na instituição.

## Roteiros e atividades para público espontâneo e para pessoas com deficiências

Com o objetivo de acolher públicos diversos e famílias que freqüentam o parque, em dia de semana e aos finais de semana, roteiros a serem aplicados no espaço externo, fora do Museu Histórico foram pensados de modo a ampliar o olhar do visitante sobre as edificações históricas da Instituição. A partir de pesquisas sobre as diferentes edificações presentes no campus do Instituto Butantan, a equipe do Museu Histórico planejou um “roteiro externo” que leva os visitantes a conhecer diferentes prédios que tiveram diversas funções ao longo da história institucional; e que se relacionam também à história do bairro, da cidade, do estado e do país. Uma primeira experiência foi realizada com um grupo de alunos de graduação de história da Universidade de São Paulo, em 2013, a partir da demanda da professora por uma discussão do IBu dentro da história e configuração do bairro do Butantã. A partir da avaliação dessa experiência, o roteiro foi sendo aperfeiçoado e nova experiência ocorreu no primeiro semestre de 2014, com funcionários do Instituto, como atividade da Semana do Meio Ambiente. O objetivo é, em breve oferecer o “roteiro externo” sistematicamente em finais de semana para público espontâneo.

Outra experiência que proporcionou amadurecimento e criação de novas atividades no Museu Histórico foi o atendimento de pessoas com deficiências. Durante as atividades das diversas ‘semana de férias’ os educadores puderam planejar e executar ações voltadas para as pessoas com deficiências, citando roteiros, materiais (figura 5) e estratégias específicas.



Figura 5: Maquete tátil do Museu Histórico confeccionada em 2012 para atividade de férias (julho, 2012) e posteriormente incorporada à exposição do Museu Histórico (Foto: Acervo Instituto Butantan/Camilla Carvalho)

Com o olhar educativo no público especial, um novo roteiro começou a se estruturar, em 2014, de modo a tratar o público regular e o público de pessoas com deficiência visual da mesma maneira. Uma abordagem enfatizando os demais sentidos, que não a visão, foi pensada para levar os grupos dentro do museu a descobrir novas abordagens históricas e sensitivas ao longo de suas duas salas. Com o roteiro específico pensado para uma pessoa que não pudesse enxergar, a idéia é trazer o público vidente para esta realidade, vendando a todos que participarem do roteiro. Esta visita fará um caminho, dentro do Museu Histórico, que traz a abordagem na primeira sala (cocheira) do início das pesquisas do Instituto, seus desdobramentos e as técnicas usadas para captura de serpentes e para a fabricação dos soros. Na segunda sala, o tema principal será falar do trabalho do pesquisador / cientista, trazendo a oportunidade do toque em objetos de laboratório como balanças e de escritório, como uma antiga maquina de escrever. Juntamente com a fala do educador, o visitante terá a oportunidade de tocar em objetos relacionados a esta fala, bem como sentir odores que caracterizam a história contada e seus locais. O objetivo da estruturação desta nova abordagem é criar a oportunidade de visita educativa para públicos especiais, de modo que novos roteiros sejam montados paralelamente à criação de materiais que o museu possa disponibilizar para toque do público, diminuindo as distâncias em nossa mediação com públicos especiais.

É importante criar atividades educativas a fim de desenvolver um papel social como espaço de referência para as pessoas da comunidade, sendo claro o papel que as instituições desempenham para o acesso, compreensão e ampliação do repertório cultural dos indivíduos, sendo de suma importância que os museus trabalhem com a efetivação da comunicação de seu acervo através de abordagens por meio de processos de inclusão social. Esta inclusão deve abranger a ação educativa e aspectos museográficos (exposição e recursos comunicacionais), além da pesquisa, documentação e conservação. (Tojal, 2007)

O museu deve assumir seu papel de inclusão, cabendo à ação educativa compreender este público especial e pensar ações pertinentes a ele de modo que haja a integração das ações educativas dentro do espaço do museu com o acervo ali exposto, fazendo com que o público se aproprie dele, sem restrições e compreenda o museu como um todo.

### **Considerações finais**

O trabalho ainda está começando. A ação educativa do Museu Histórico melhorou muito e há alguns indícios deste aperfeiçoamento: aumento de grupos agendados, comentários elogiosos dos visitantes e avaliações positivas das visitas temáticas realizadas desde 2012.

Acreditamos que o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a história do IBu, sobre a história das ciências e da saúde e sobre os objetos e instrumentos científicos do acervo do IBu contribuirão ainda mais para o aperfeiçoamento das ações educativas do Museu Histórico. Quanto maior for o domínio dos conteúdos, mais facilmente serão criados roteiros e atividades educativas de qualidade. Ao mesmo tempo, conhecimentos sobre teorias e práticas educativas em museus e em outros espaços completam a formação necessária para os educadores.

## Referências

- ALMEIDA, Adriana Mortara. *A relação do público com o museu do Instituto Butantan: análise da exposição 'Na natureza não existem vilões'*. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1995.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. *Estudos de público no Instituto Butantan: desenvolvimento de ferramentas para apoiar políticas públicas*. Relatório de pesquisa CNPq, 2014, não publicado.
- BENCHIMOL, Jaime L. e TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Fundação Oswaldo Cruz, 1993.
- BIZERRA A.F.; INGLEZ, G.C.; [FRANCO, M.T.](#) Participação Pública na Constituição da Identidade Museal: A importância das pesquisas de público. E-book do Laboratório de Estudos em Museus e Educação LEME, 2013.
- BIZERRA A.F.; CIZAUASKAS, J.B.V.; INGLEZ, G.C.; [FRANCO, M.T.](#) Conversas de aprendizagem em museus de ciências: como os deficientes visuais interpretam os materiais educativos do museu de microbiologia? Revista Educação Especial, 2012.
- BIZERRA, A. F.; [DOMINGUEZ, C.](#); INGLEZ, G. C.; GONCALVES, V. M.; LEPORO, N.; [FRANCO, M.T.](#) Crianças pequenas e seus conhecimentos sobre microrganismos. In: *VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2009*, Florianópolis. Anais do VII ENPEC, 2009.
- BIZERRA, A. F.; [ISZLAJI, C.](#); MEIRELES, F. C.; SCHUNCK, A. S.; CIZAUASKAS, I. A interação entre o público e as exposições do Museu Biológico do Instituto Butantan. In: *VI ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2007*, Florianópolis. Anais do VI ENPEC - Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2007.
- BIZERRA, Alessandra Fernandes. *Atividade de Aprendizagem em Museus de Ciências*. Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2009.
- BRUNO, M.C.O. e MELLO VASCONCELLOS, C. A proposta educativa do Museu de Pré-História Paulo Duarte. *Rev. Pré-História*, São Paulo, 7: 165-86, 1989.
- CALLEFFO, Myriam E.V. e BARBARINI, Cibele C. A origem e a constituição dos acervos ofiológicos do Instituto Butantan. *Cadernos de História da Ciência*, v. 3, n.2, p. 73-100, 2008.
- CANTER, Henrique M. Museu Histórico: origem e memória, *Cadernos de História da Ciência – I Ciclo de Seminários – História e Memória Institucional*, 2005, vol. I, n. 1, p.63-81.
- FERNANDES, Suzana Cesar Gouveia . Museu como espaço de investigação: da pesquisa a formação. *Cadernos de História da Ciência*, v. 3, n.2, p. 101-122, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 27 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial – Utilização de Bens Culturais como Recursos Educacionais. *Museologia Social*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2000.
- GRUZMAN, Carla. *Educação, ciência e saúde no museu: uma análise enunciativo-discursiva da exposição do Museu de Microbiologia do Instituto Butantan*. Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012.
- HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

SAPIRAS, Agnes. *Aprendizagem em museus: uma análise das visitas escolares no Museu Biológico do Instituto Butantan*. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

SOUZA, Fernanda de Lima. *Conhecendo os Visitantes dos Museus Biológico e Histórico do Instituto Butantan*. Resumo e Pôster. Reunião Científica do Instituto Butantan, 2013.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Públicas Culturais de Públicos Especiais em Museus*. Doutorado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2007.

*Artigo recebido em julho de 2014. Aprovado em setembro de 2014*

